



RUA JOÃO

ALDEIA VELHA PARA PEQUENOS EXPLORADORES

Uma jornada pela história
e pela cultura da nossa comunidade



Aldeia Velha

LIVRETO
ALDEIA VELHA PARA PEQUENOS EXPLORADORES
Uma jornada pela história e pela cultura da nossa comunidade

FICHA TÉCNICA

Este material foi financiado pelo edital Nossos Museus, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SECEC) do estado do Rio de Janeiro

Concepção - Tadzia Maya

Pesquisa histórica - Patrícia Depiné e Tainá Mie

Redação: Patrícia Depiné e Tadzia Maya

Edição - Tadzia Maya

Revisão - Patrícia Depiné e Tadzia Maya

Projeto gráfico - Fred Barcellos

Ilustrações: Raissa Theberge

Agradecemos à diretora da Escola de Aldeia Velha, Vaiga Rodrigues, e às professoras Flávia Farias e Aline Hércules pela revisão do material. Agradecemos ao Miguel Egger, que foi aluno em 2025 do 5º ano da escola, pela leitura para aprovação da linguagem.

Equipe do Ypuca - Ponto de Cultura e Ponto de Memória

Patrícia Depiné e Tadzia Maya - Gestão compartilhada

Maximiliano Egger - Produção cultural

Marcia Mocelin - Bióloga

Vanderson Dias da Silva - Designer e Mídias Sociais

Para saber mais: www.ypuca.org e @ypuca_aldeiavelha

Aldeia Velha, Silva Jardim (RJ), 2026



QUERIDA/O PROFESSORA/PROFESSOR,

Trazemos este livreto até vocês para provocarmos nas crianças de Aldeia Velha o gosto por conhecer a história da nossa querida comunidade. E, ao provocar as crianças, estaremos sempre nos desafiando ao mesmo tempo, afinal de contas, devemos nos perguntar, por que conhecer a história do lugar onde vivemos?

Sabemos que todo lugar tem uma história. As ruas, os rios, as serras e até os nomes das cidades guardam memórias de pessoas que viveram ali muito antes de nós. Em Aldeia Velha, essa história começa há milhares de anos, com os povos originários que ocuparam a região muito antes da chegada dos europeus.

Este livreto foi criado para tentar contar essa história de forma simples e clara, ajudando crianças e jovens a entenderem quem viveu aqui, como essas pessoas se relacionavam com a natureza e o que aconteceu quando os colonizadores chegaram na região. para que o(a) professor(a) possa identificar as habilidades e competências trabalhadas, integrando o conteúdo às práticas pedagógicas e ao planejamento das aulas.

A história de Aldeia Velha mostra que esta terra é feita de encontros, conflitos e resistências. Quando a gente cuida da memória, a gente cuida do futuro também. Preservar essa memória é um ato de respeito com quem veio antes e um compromisso com quem vai vir depois.

Vamos nessa!



DEPINÉ, Patricia. Vista da Serra Grande a partir do Poço do Rola.
2009. 1 fot. 1024 x 768 pixels.

OLÁ, CRIANÇADA!

Agora chegou a hora de você saber por que afinal de contas Aldeia Velha se chama “aldeia” e por que ela é “velha”. Que nome diferente tem o lugar onde a nossa escola foi construída, não é mesmo?

Para entender tudo isso, vamos precisar ser um pouco como detetives, procurando pistas e fazendo perguntas. Também vamos agir como pesquisadores e pesquisadoras, observando com atenção os detalhes para conhecer melhor o lugar onde vivemos.

Mesmo que você não more no centro de Aldeia Velha, se estuda aqui, faz parte do Distrito de Aldeia Velha. Por isso, essa história também é sua!

Vamos lá! Vamos juntos nesta aventura pelo passado!



QUEM VIVIA AQUI ANTES DE NÓS?



Muito antes de existirem cidades, estradas ou fazendas, grupos humanos já viviam no território do atual estado do Rio de Janeiro. Eles se alimentavam da caça, da pesca, da coleta de frutos (os caçadores-coletores) e, mais tarde, também da agricultura (os ceramistas).

No litoral, ou seja, perto da praia, esses povos deixaram marcas chamadas sambaquis. Os sambaquis são grandes montes feitos de conchas e restos de alimentos. Eles nos ajudam a entender como viviam as pessoas antigas que pescavam, caçavam e coletavam alimentos na natureza.

No interior, nas serras e nos vales, é mais difícil encontrar essas marcas. Mesmo assim, sabemos que muitas pessoas também viveram ali. Elas caminhavam pelos rios, pelas florestas e usavam os caminhos naturais da região.



MOTTE, Charles Étienne Pierre. Cabocle, (Indien Civilisé). Paris [França]: Firmin Didot Frères, [1834]. 1 grav, litografia, col, 24,5 x 34,6cm em 23,1 x 33,1. Disponível em: http://acervo.bn.digital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=14535. Acesso em: 12 fev. 2023.

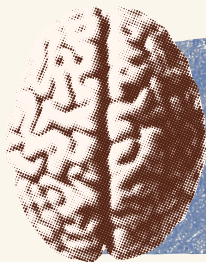
IMAGINE

- Como seria viver em um lugar sem ruas, carros ou construções?

MUDANÇAS AO LONGO DO TEMPO

Com o passar de milhares de anos, os modos de vida foram mudando. Alguns grupos começaram a cultivar seu alimento, como milho e mandioca, permanecendo mais tempo no local onde viviam, sem grandes deslocamentos para buscar comida. Com isso, passaram a produzir cerâmica e formar aldeias.

Os rios tinham um papel muito importante nessas mudanças. Eles serviam como caminhos, fontes de alimento e pontos de encontro entre diferentes grupos. Na região de Aldeia Velha, os rios São João e seus afluentes, como os atuais rios Aldeia Velha e Quartéis, foram fundamentais para a ocupação humana. Antigamente eles possuíam outros nomes, como rio Ipuca, que está presente em mapas muito antigos.



PENSE UM POUCO

- Por que as pessoas procuravam ficar perto dos rios?

QUEM ERAM OS POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO?

Os nomes dos povos indígenas que aparecem nos livros nem sempre representam exatamente como eles se chamavam. Muitas vezes, esses nomes foram dados pelos colonizadores, ou seja, pelos europeus que chegaram ao Brasil e passaram a registrar esses povos do seu próprio jeito. Na região de Aldeia Velha, aparecem registros de povos como:

- Goitacás
- Guarulhos
- Puris

Alguns desses grupos tinham línguas e costumes parecidos. Outros eram alianças de várias aldeias. Por isso, é importante entender que a história indígena é diversa e complexa, e não pode ser resumida a um único povo.



MAURIN, Nicolas-Eustache. Puri. Paris [França]: Lith. de G. Engelmann, [1835]. 1 grav. pb. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_080.jpg. Acesso em: 12 fev. 2023.



PARA PENSAR

- Porque é importante respeitar as diferenças entre os povos?





VOCÊ
SABIA?



Hoje, o termo correto é **indígena**, e não "índio". A palavra "índio" surgiu por um erro dos colonizadores, que achavam que tinham chegado às Índias, uma região da Ásia onde hoje fica o país chamado Índia e outros territórios próximos. Já "indígena" significa "povo originário daquele lugar". Usar o termo correto é uma forma de respeito e reconhecimento da diversidade dos povos indígenas.



A CHEGADA DOS EUROPEUS



A partir do século XVI, portugueses, franceses e ingleses passaram a disputar o território brasileiro. Muitos povos indígenas lutaram contra a invasão de suas terras. Além dos conflitos armados, doenças trazidas pelos europeus, como varíola e sarampo, causaram grande perda de vidas entre os indígenas.

Para controlar os povos indígenas, os colonizadores criaram vilas, chamadas de **aldeamentos**, organizadas pelo governo colonial e por religiosos cristãos que vieram para o Brasil durante o período da colonização. Muitos deles faziam parte da Igreja Católica.

Nesses lugares, os indígenas eram obrigados a:

- ➔ viver longe de seus territórios tradicionais
- ➔ trabalhar para os colonizadores
- ➔ aprender a religião cristã
- ➔ abandonar muitos de seus costumes

Estas pessoas falavam que os aldeamentos seriam espaços de proteção, mas muitas vezes serviram para **retirar a autonomia** dos povos indígenas e facilitar a ocupação das terras.



RUGENDAS, Johann Moritz. **Rencontre d'Indiens avec des voyageurs Européens.** Paris [França]: Lith. de G. Engelmann, [1835]. 1 grav. pb. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_125.jp g. Acesso em: 12 fev. 2023.



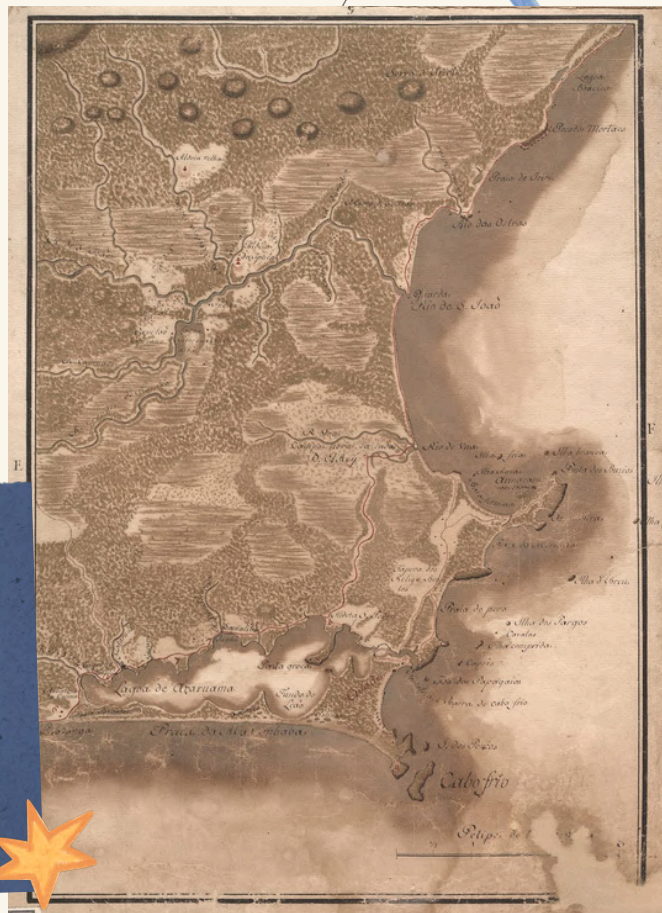
A FUNDAÇÃO DA ALDEIA DE IPUCA



Entre 1730 e 1740, surgiu a Aldeia de Ipuca. Ela foi o primeiro lugar da região de Aldeia Velha onde muitas pessoas passaram a morar juntas. A aldeia foi criada pelo frei capuchinho Francisco Maria de Todi, um italiano que reuniu indígenas guarulhos trazidos de montanhas perto daqui, chamadas Serra dos Órgãos. Não há ainda como saber a data certa desta fundação, temos que pesquisar ainda mais e conseguir achar livros e documentos que possam explicar melhor quando foi que isso aconteceu. Até hoje, conseguimos chegar a estas datas aproximadas, que possuem registros em livros importantes. Então, você já sabe, Aldeia Velha existe mais ou menos desde o início do século XVIII.

Agora, você reparou nesta palavra ipuca?

Diferente, né? A palavra Ipuca vem do tupi e significa “buraco no igapó”, uma área de mata alagada. Esse nome está ligado às características naturais da região, especialmente às cheias do rio São João. Você já reparou que aqui na nossa região quando chove se formam várias lagoas e tem muito brejo? Por isso escolheram este nome!



A aldeia ficava próxima à serra e às nascentes dos grandes rios, locais importantes tanto para os indígenas quanto para os colonizadores.

MUDANÇAS E DESLOCAMENTOS DA ALDEIA

Com o tempo, a Aldeia de Ipuca foi transferida para outros lugares. Primeiro, para as margens do rio São João, onde passou a se chamar **Aldeia da Sacra Família de Ipuca**, e depois para a região da atual Barra de São João.

Essas mudanças aconteceram por vários motivos:

- doenças
- interesses sobre as terras
- exploração de madeira
- decisões do governo colonial

Cada vez que se mudavam, os indígenas perdiam algo, pois se afastavam cada vez mais de seus costumes, de sua cultura e de suas terras.

ESTRADA DO MACHARET



Então AGORA SABEMOS POR QUE O BAIRRO SE CHAMA ALDEIA VELHA. A ALDEIA QUE EXISTIA AQUI, UM GRUPO DE PESSOAS MORANDO JUNTAS AO REDOR DE UMA IGREJA, SE MUDOU PARA OUTRO LUGAR, FORMANDO UMA NOVA ALDEIA. O LOCAL ANTIGO PASSOU A SER CHAMADO DE ALDEIA VELHA, E ASSIM SURTIU O NOME ALDEIA VELHA.

CONSEGUIU ENTENDER?! É DIFÍCIL MESMO!
QUALQUER COISA, LÊ OUTRA VEZ



O FIM DOS ALDEAMENTOS INDÍGENAS

No século XIX, a maioria dos aldeamentos do Estado do Rio de Janeiro deixou de existir como comunidades indígenas. As terras foram ocupadas por fazendas, e os indígenas passaram a ser vistos apenas como parte da população pobre, sem reconhecimento de sua identidade, ou seja, deixaram de ser vistos como um povo com sua própria cultura e seu jeito de viver.

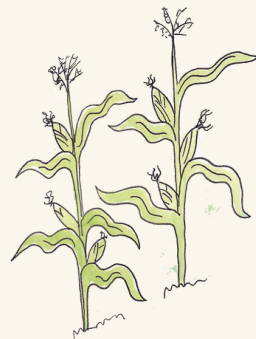
A Aldeia da Sacra Família de Ipuca foi uma das poucas que resistiram por mais tempo, mas acabou se transformando em um povoado comum.



Mapa das Aldeias do Rio de Janeiro no século XIX.

Adaptado de: BESSA, J.R.B., MALHEIROS, M.F. Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. ||

A COLONIZAÇÃO SUÍÇA E ALEMÃ



Em 11 de maio de 1818, Dom João VI criou uma colônia para famílias suíças no Brasil, chamada Nova Friburgo. Conhece Friburgo, não é mesmo? Fica aqui perto. Talvez você conheça Lumiar, que faz parte de Friburgo. O rei fez na época uma promessa animadora para quem chegasse até a cidade: as famílias ganhariam casa, animais, terras para plantar e ajuda em dinheiro, sem precisar pagar impostos por alguns anos.

Mas a viagem foi difícil. Os navios estavam cheios, havia doenças e pouca estrutura. Muitas pessoas, em especial crianças e jovens, morreram no caminho. Quando finalmente começaram a morar, perceberam que a realidade era bem diferente. As casas eram simples, o clima era quente e úmido e havia muitas áreas alagadas. Muitos ficaram doentes.

Mesmo com tantas dificuldades, os suíços começaram a criar animais e aprenderam com os indígenas, formas de plantar **milho**, **feijão** e **mandioca** e a cuidar da terra.

Alguns anos depois, o café se tornou o principal cultivo da região e ajudou o Brasil a se destacar no mundo. Em 1824, chegaram também imigrantes alemães. Eles trouxeram novas tradições, profissões e saberes: faziam queijos, pães, cerveja, trabalhavam como ferreiros, marceneiros e artesãos. Várias famílias também vieram para Aldeia Velha e é por isso que até hoje temos aqui sobrenomes como Wenderrosck, Egger, Peclat, Schumacher, Schuller, Blaudt, Schmidt, entre outros.



PARA PESQUISAR

1. Quais sobrenomes como estes temos aqui na sala de aula
2. O que ainda temos de cultura alemã e suíça em Aldeia Velha?

A ESCRAVIDÃO E A LUTA PELA LIBERDADE

No século XIX, enquanto imigrantes europeus chegavam ao Brasil em busca de novas oportunidades, milhões de africanos eram trazidos à força para trabalhar como escravizados. As pessoas que estudam a História, calculam que 5 milhões de pessoas foram arrancadas de seus lares no continente africano e enviadas ao Brasil em navios, chamados navios negreiros, em viagens longas e muito dolorosas. Muitos não sobreviveram nestas viagens.



Esses homens, mulheres e crianças vieram de diferentes povos africanos, com línguas, culturas e religiões próprias. Aqui, foram obrigados a trabalhar nas lavouras e nas minas, enfrentando violência e injustiças. Mesmo assim, nunca deixaram de lutar por liberdade.

Alguns fugiam e formavam **quilombos**, comunidades onde podiam viver livres. Em Aldeia Velha e em Silva Jardim, há uma grande população negra. A presença e a contribuição das pessoas negras fazem parte da história e da cultura da nossa região.

THIERRY FRÈRES. **Nègres ao tronco**. Paris [França]: Firmin Didot Frères, [1835]. 1 grav, litogravura, pb, 24,9 x 22,5. Disponível em: http://acervo.bn.digital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=9220. Acesso em: 12 fev. 2023.



PARA PENSAR

- Você conhece a história das pessoas negras que vivem em sua comunidade?
- Como a cultura afro-brasileira está presente no lugar onde você mora?

EUROPEUS E QUILOMBOLAS

Em todo o Brasil existiram os quilombos, as comunidades formadas por pessoas negras que haviam fugido da escravidão para viver em liberdade. Aqui na nossa região do Rio São João também existiram quilombos e quando alguns colonos europeus chegaram, quiseram ficar com estas terras.

Para ocupar as terras, os colonos atacaram e destruíram esses quilombos. As terras tomadas passaram a ser usadas para plantações, de café e cana-de-açúcar.

Essa parte da história nos mostra como muitas comunidades negras foram apagadas dos registros oficiais. Por isso, estudar esses documentos é importante: ajuda a recuperar memórias e reconhecer a luta pela liberdade que marcou a formação da nossa região.

DEROY, Laurent. **Blanchisseuses à Rio Janeiro**. Paris [França]: Lith. de G. Engelmann, [1835]. 1 grav, pb. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon94994/icon94994_181.jpg. Acesso em: 12 fev. 2023.



PENSE UM POUCO

- Você sabia que existe uma pesquisa sobre um grande quilombo que ficava aqui do lado, no bairro de Bananeiras?
- Sabe onde fica Bananeiras? Já foi até lá?
- Conhece algum outro quilombo?
- Como você imagina que é um quilombo?

ALDEIA VELHA HOJE

A gente viu nesta viagem pela história a presença da população indígena, negra e europeia na nossa região. Estas pessoas tiveram brigas entre si, mas também tiveram muita convivência e construíram muitas coisas juntas, muitas se casaram e tiveram filhos.

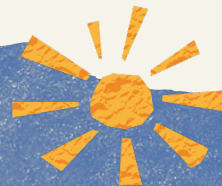
Aldeia Velha é resultado desta mistura de diferentes povos, assim como o Brasil. Aldeia Velha se tornou um importante ponto de encontro entre moradores da serra, agricultores e viajantes. Com o passar do tempo, surgiram novas formas de trabalho e muitas famílias deixaram a zona rural para viver nas cidades. Assim, o número de moradores foi diminuindo. Mesmo assim, a localidade preserva uma forte cultura local, com:

- ➔ artistas populares
- ➔ músicos e poetas
- ➔ contadores de histórias



PENSE UM POUCO

- O que você mais gosta no lugar onde vive?
- Você já aprendeu a fazer algo com sua avó ou seu avô que ele tenha aprendido com os pais e avós deles?



POR QUE ESSA HISTÓRIA É IMPORTANTE?



Conhecer a história indígena de Aldeia Velha ajuda a:

- ➔ valorizar os povos originários
- ➔ combater ideias erradas sobre o passado
- ➔ respeitar a diversidade cultural
- ➔ compreender o território como espaço de memória

A história de Aldeia Velha nos mostra que esse lugar foi construído por muitas pessoas diferentes. Ao longo do tempo, houve encontros entre povos, momentos difíceis e também muita luta para continuar vivendo aqui.

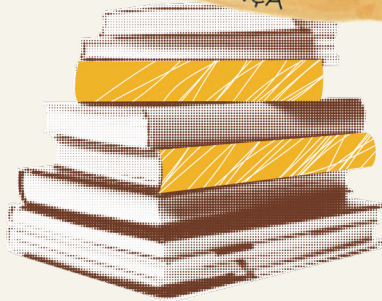
Cuidar da memória é lembrar das histórias de quem veio antes de nós.

Quando conhecemos o passado, conseguimos entender melhor o presente e pensar em um futuro mais justo. A história não está apenas nos livros, mas também nas paisagens, nos nomes dos lugares e nas histórias contadas pelas pessoas mais antigas.

Que tal agora sentar com uma pessoa mais velha da comunidade e pedir contar estas histórias antigas para você?

Você vai se surpreender!

RUA JOÃO ESCORCIO DE MENDONÇA



O NOSSO TESOURO

Depois de conhecer a nossa história, vamos falar um pouco da nossa cultura e do nosso patrimônio. Você já ouviu falar em **patrimônio cultural**?

A palavra **patrimônio** tem a ver com **herança**. É algo que recebemos das pessoas que vieram antes de nós e que podemos cuidar para passar adiante. Sabe quando uma avó guarda para você **uma toalha de mesa que era dela**, ou quando um pai entrega para o **uma coleção de carrinhos que guardou desde criança**?

Esses objetos têm valor porque contam uma história da família. Com o patrimônio cultural acontece algo parecido. Só que, em vez de pertencer a uma pessoa ou a uma família, ele pertence **a toda uma comunidade**.

Patrimônio é tudo aquilo que é importante para a **história, a cultura e a memória** de um povo. Pode ser algo que as pessoas **construíram, criaram** ou **costumam fazer** há muito tempo.



PARA PROCURAR

- No mapa que está na página seguinte procure o que vocês acreditam ser patrimônios da nossa cidade.

1. Mico-leão-dourado, espécie endêmica;
2. Sítio Arqueológico do Surucucu;
3. Antiga Farmácia;
4. Antigo Correio;
5. Igreja Assembleia de Deus;
6. Antigo Cartório;
7. Capela de Sant'Anna e Coreto;
8. Belchior, músico, lembrança da tradição musical de Aldeia e seus festivais
9. Sapucaia florida;
10. Antiga casa de Dona Sinhá, já foi posto dos Correios e também o bar Barroco;
11. Antigo armazém do Seu Delso de Siqueira;
12. Pousada D'Aldeia, primeira escola de Aldeia e também primeira pousada;
13. Campo de Futebol Edgar Mendonça Cardoso - Aldeia Velha Futebol Clube;
14. Cemitério;
15. Ipê amarelo florido;
16. Igreja Batista;
17. Dona Delir - Delir Alves Machado - antiga parteira tradicional de Aldeia Velha;
18. Bar do Jobim com Seu Honorair dançando forró dos Filhos d'Aldeia;
19. Igreja Adventista;
20. Dona Nenzinha cozinhando;
21. Povos originários: inicialmente os indígenas Goitacá e, posteriormente, os Guarulho;
22. Seu Leco ainda no Armazém de Seu Aiqui Faria;
23. Antiga Casa de farinha de Seu Mário Manduca;
24. Posto de Saúde;
25. Escola pública de Aldeia Velha: E. E. M. Vila Silva Jardim;
26. Dona Carcília, antiga professora;
27. Tamanduá-mirim;
28. Sussuarana;
29. Seu Milton Machado, contador de histórias, antigo desmatador que virou plantador;
30. Comunidade do Macharete (Casimiro de Abreu);
31. Estrada do Arreia Mochila;
32. Tropeiro da serra;
33. Milho branco da serra,
34. Mãe do Ouro - lenda regional;
35. Muro de pedra dos escravizados
36. Antigo galpão de banana, produto que já foi carro-chefe da economia local e tem expressão até hoje

Estes são alguns dos personagens e lugares importantes para nossa história, mas sabemos que tem muito mais!



PATRIMÔNIO MATERIAL

O patrimônio **material** é aquilo que podemos **ver e tocar**.

Alguns exemplos são:

- ➔ igrejas antigas e casas históricas
- ➔ monumentos (uma construção, uma estátua ou uma obra feita para **lembrar algo importante**)
- ➔ objetos antigos guardados em museus
- ➔ documentos, fotografias e obras de arte

Esses lugares e objetos ajudam a mostrar como as pessoas viviam em outras épocas.



PATRIMÔNIO IMATERIAL

O patrimônio **imaterial** é diferente: ele não é um objeto.

São **saberes, tradições e costumes** que passam de geração para geração.

Alguns exemplos são:

- ➔ festas populares, músicas e danças tradicionais
- ➔ receitas de família
- ➔ histórias contadas pelos mais velhos
- ➔ modos de fazer artesanato

Mesmo que não possamos tocar nessas coisas, elas também fazem parte da nossa cultura e da nossa história.



EXEMPLOS BEM MARCANTES DO BRASIL



Agora, vamos conhecer dois exemplos bem marcantes do Brasil para entender melhor sobre esse tema.



Cristo Redentor (patrimônio material)

No alto do Morro do Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro, fica uma das estátuas mais famosas do mundo: o Cristo Redentor.

Essa grande escultura foi inaugurada em 1931 e se tornou um dos símbolos mais conhecidos do Brasil. Muitas pessoas visitam o monumento todos os anos.

Além de ser uma obra de arte impressionante, ele também faz parte da história e da paisagem da cidade.

Capoeira (patrimônio imaterial)

A capoeira é uma mistura de luta, dança, música e jogo. Ela foi criada por pessoas negras escravizadas no Brasil, que usavam movimentos do corpo e música para treinar defesa e manter viva sua cultura.

Hoje, a capoeira é praticada em muitos lugares do Brasil e do mundo. Ela é considerada um importante patrimônio cultural brasileiro.



CURIOSIDADE

Sabia que uma **comida** pode ser **patrimônio cultural**?

Algumas receitas são tão importantes para a história de um lugar que acabam sendo reconhecidas como patrimônio também como **o queijo meia cura de Minas Gerais**.



AGORA, VAMOS FALAR DE ALDEIA VELHA!



Será que aqui também temos patrimônio? Quais seriam nossos patrimônios materiais e imateriais? Vamos começar pelos materiais, ou seja, aqueles que podemos tocar.

Olhe para esta foto, **é o coreto da Igreja Católica**, que existe há tanto tempo que ninguém nem soube nos contar quando foi construído. Ele é um patrimônio cultural. Muita gente já esteve ali, para conversar, para brincar, para esperar o tempo passar. Contam que antigamente os animais dos leilões ficavam ali neste canto da esquerda esperando seus futuros donos e donas.



Outros patrimônios materiais importantes para Aldeia Velha são o antigo armazém do seu **Delso de Siqueira**, **Campo de Futebol Edgar Mendonça Cardoso** e até o nosso querido e imponente **ipê amarelo**.



Foto: Patricia Depine, arquivo pessoal



Foto: @aldeiavelhafutebolclub



Foto: Tadzia Maya, arquivo pessoal

AGORA VAMOS FALAR DO PATRIMÔNIO IMATERIAL, OU SEJA, AQUILO QUE NÃO PODEMOS TOCAR!



Esse tipo de patrimônio está ligado ao **conhecimento e às tradições**.

São coisas que aprendemos quando alguém nos conta uma história, nos ensina a fazer algo ou quando participamos de um costume da comunidade.

Por exemplo: **cuidar de galinhas aqui em Aldeia** também pode fazer parte do patrimônio da comunidade. Você até pode tocar nas galinhas, mas não pode tocar **no conhecimento sobre elas**. Para aprender, é preciso que alguém ensine: como cuidar das galinhas, do galo, como construir um galinheiro, como recolher os ovos e muitas outras coisas que fazem parte desse universo.

Esses saberes passam **de pessoa para pessoa**, de geração em geração. Assim é também com a pescaria! Você pode tocar nos peixes que pescou, mas no conhecimento sobre a pescaria você não consegue tocar, você precisa aprender e guardar na sua cabeça. Aqui em Aldeia, é tradição pescar piaba, piaú, traíra, bagre, fruta-moça e camarão. Além de pescar, é possível também fazer armadilhas ou faxiar, que é à noite com uma lanterna.

As pessoas aqui de Aldeia Velha ensinam umas para as outras coisas como:

- ➡ qual é a melhor hora para pescar
- ➡ os lugares do rio ou da lagoa onde os peixes ficam
- ➡ como o clima e a chuva influenciam a pesca



Foto de Diego Sá

A pescaria de Aldeia Velha é por isso um patrimônio imaterial da nossa comunidade.

CHEGAMOS AO FIM DESSA JORNADA!



Mas a sua aventura apenas começou.

Agora que você já sabe que Aldeia está cheia de tesouros e memórias, você ainda tem muito a descobrir! As pistas estarão sempre com “os antigos”, que é como o pessoal de Aldeia Velha se refere aos mais velhos e mais velhas do lugar. Estarão também em fotos, documentos e até mesmo vídeos de antigamente. Olhe tudo com seu olhar de detetive!

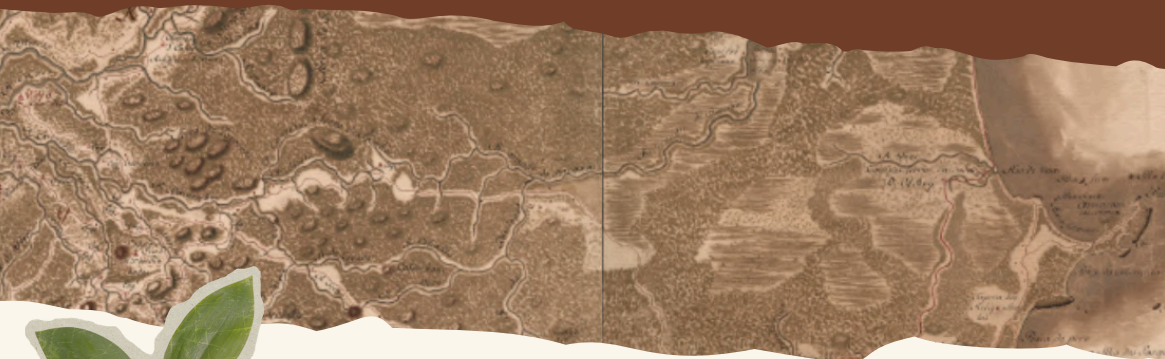
E, lembre-se, quem conhece a história, tem ainda mais responsabilidade em cuidar deste lugar, tá bom?! Quando cuidamos da história do nosso lugar, aprendemos mais sobre quem somos. Ao conhecer de onde viemos, conseguimos entender melhor nosso caminho e lembrar sempre para onde podemos voltar.

Um abraço da equipe!

Fred Barcellos, Patricia Depiné e Tadzia Maya

ESTRADA DO MACHARET





Realização



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

